



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

**ESCOLA TROPICALISTA BAIANA APONTA NOVOS RUMOS PARA AS CIÊNCIAS MÉDICAS NO SÉCULO XIX**Adailton Ferreira dos Santos\*  
(UNEB)**RESUMO**

Este trabalho no campo da história da ciência e ensino aborda, notadamente, aspectos do percurso das ciências médicas no segundo período do Brasil Império a partir de uma abordagem historiográfica dos primeiros estudos sobre medicina tropical na Bahia. Procuramos mostrar que um grupo de médicos chamado de Escola Tropicalista Baiana, num contexto político conflituoso de desenvolvimento do país e de doenças e epidemias, discorda das medidas adotadas pela Coroa para a saúde pública e para o ensino das ciências médicas. A análise de artigos publicados no periódico a *Gazeta Médica da Bahia* mostra-nos que estes médicos consideravam *atrasada e conservadora* a medicina defendida pelas Faculdades da Bahia e Rio de Janeiro e desenvolvem uma nova visão de ensino e medicina.

**PALAVRAS CHAVES:** História da ciência; Medicina; Brasil Império.**INTRODUÇÃO****Percurso da Escola Tropicalista Baiana no Império**

Na segunda metade do século XIX mais, especificamente, entre 1865 e 1889, o Brasil acha-se em processo de desenvolvimento e transformações e surgem novas

---

\*Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutorando em História da Ciência pela PUCSP. E-mail: [adailtonfs@bol.com.br](mailto:adailtonfs@bol.com.br).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

empresas. Verifica-se um expressivo aumento da transferência da população da zona rural e agrícola para a zona urbana e industrial.

Em face dessas transformações o país se vê em torno de questões sociais e políticas conflituosas que requerem medidas da Coroa para atender a nova conjuntura. A situação exige mudanças nos campos das ciências naturais e de saúde pública devido às grandes epidemias e algumas corporações discutem novas medidas para melhorias do ensino superior e da saúde.

Este cenário leva ao surgimento de um Grupo de Médico independente na província da Bahia em 1865, denominado posteriormente de *Escola Tropicalista Baiana*<sup>603</sup>, que busca enfrentar a situação e propõe medida para minimizar a enorme crise. Essa situação é documentada na *Gazeta Médica da Bahia* periódico fundado pelo grupo e objeto de nosso estudo<sup>604</sup>.

O Periódico mostra-nos as crises de epidemias de febre amarela e da cólera, em especial, nas capitais portuárias como Bahia, Rio de Janeiro, Recife e Santos (São Paulo), além de chamar a atenção para doenças desconhecidas que acometem a população em geral. Fala-nos, ainda, de outras enfermidades responsáveis pelo óbito de muitos escravos jovens.

A *Gazeta Médica* da Bahia, fundada em 10 de julho de 1866, nos diz, em seu primeiro número que o periódico é “um órgão da profissão médica, no qual deve-se registrar os progressos da ‘sciencia’,<sup>605</sup> onde se recolhessem os ‘fructos’ da experiência e da observação [...]”.<sup>606</sup> Poderíamos dizer que o periódico passa a ser publicado para atender à necessidade de divulgação dos trabalhos originais desses

---

603Antonio Coni em trabalho no II Congresso de História da Bahia em Salvador em 1952.

604Ver Dissertação de Mestrado “Escola Tropicalista Baiana: Registro de uma Nova Ciência na *Gazeta Médica* da Bahia (1886-1889)”. PUCSP, 2008.

605Esclarecemos que, por se tratar de pesquisa com documentos da época, optamos por manter a forma original da escrita e da estrutura gramatical para preservação da fonte original.

606*Gazeta Médica da Bahia*, 10 de julho de 1866. p.12.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

médicos e das artes médicas no Império e, dessa forma, procura contribuir para o desenvolvimento das ciências e da educação.<sup>607</sup>

E, ainda, dentro desses mesmos propósitos, com o intento de estabelecer a pesquisa, discute-se de forma incisiva, como deve ser o modo e a atitude do estudioso da ciência.<sup>608</sup>

Importante ressaltar, para o que nos interessa nesta pesquisa, que esses médicos têm em vista as condições da terra onde vivem ao pretenderem conhecer e tratar das doenças que afligiam a população. De fato, essa posição está bastante clara e fica evidente na citação seguinte, ainda recortada das páginas do primeiro número deste periódico: “a) Difundir todos os conhecimentos que a observação própria ou alheia nos possa revelar e b) Estudar as questões que mais interessam ao nosso país”.<sup>609</sup>

Mesmo sem apoio governamental, e inserido num contexto conflituoso, o periódico torna-se um referencial para estudos científicos, particularmente, das doenças tropicais<sup>610</sup>.

As pesquisas dos membros do grupo são divulgadas duas vezes ao mês, nos dias 10 e 25, no meio acadêmico e ao público em geral. A revista é razão de orgulho de todos envolvidos com a “Escola Tropicalista”, mesmo passadas várias décadas. Assim, o médico tropicalista Antonio Pacífico Pereira, lente e diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, entre o período de 1895 a 1898, manifesta-se, no início do século XX, quanto ao periódico dizendo: “Abri as páginas da *Gazeta Médica da Bahia*, desde 1866, e apreciai aí a influência que exerceram êstes homens na sua época, (...)”<sup>611</sup>.

---

607 *Ibid*, 25 julho, p. 1.

608 *Ibid.*, p. 3.

609 *Ibid*.

610 *Ibid*.

611 *Ibid*, fevereiro 1910, p. 343.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

O cenário de estudos, ensino e pesquisas dos médicos tropicalistas se desenvolvem, principalmente, entre os três hospitais existentes na Bahia, onde trabalham. Desde 1832, com a reforma no Hospital Militar e na Santa Casa da Misericórdia, e a partir de 1866, no recentemente criado Hospital Português.<sup>612</sup>

Os estudos desses documentos mostram que, ainda nesse período do século XIX, as instituições hospitalares, onde se desenvolvem as ciências médicas, são majoritariamente, de caráter eclesiástico e de origem privada e, estão ligadas, normalmente, às Santas Casas da Misericórdia. Passemos agora à discussão da origem desse grupo.

### Novos Rumos da Ciência Médica na Segunda Metade do Século XIX

A Escola Tropicalista Baiana, inicialmente, tem entre seus membros sete médicos, nomeados textualmente na *Gazeta Médica da Bahia*, em finais do século XIX, do seguinte modo:

Eram sete que fundaram [...] que tomaram posse da sessão [...]; o ilustre clínico contestador e pesquisador do corpo médico inglês John Ligertwood Paterson, o médico pesquisador alemão Otto Edward Henry Wucherer, Antonio Januário de Farias e Antonio José Alves então professores d'esta faculdade, Ludgero Ferreira e os novos venerados e laureados confrades Drs. José Francisco da Silva Lima e Pires Caldas [...].<sup>613</sup>

Nesse sentido, aqui pedimos a atenção de nossos leitores para o seguinte esclarecimento. Alguns trabalhos sobre esse assunto falam apenas de três desses

---

612A Real Sociedade Portuguesa de Beneficência inaugurou no dia 16 do corrente o seu hospital na presença das *Gazeta Médica da Bahia*, I (6), 25 de Setembro de 1866.

613Ver *Gazeta Médica da Bahia*, XXX (6), dezembro de 1898.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

médicos como membros do grupo tropicalista<sup>614</sup>. No entanto, a *Gazeta Médica da Bahia* registra os sete citados anteriormente<sup>615</sup>. Deste modo, sem pretender levantar outras questões, e conforme a *Gazeta Médica da Bahia*, somos inclinados a acreditar que, de fato, o grupo era composto por sete médicos, ao menos, reconhecidos inicialmente neste documento.

Seus trabalhos, pesquisas, ensino e assistência, destinados, de forma particular, aos pobres e escravos são objetos de discussões e críticas nas comunidades científicas em todo o império. Diferentemente da medicina praticada até então, eles fazem trabalhos inovadores, conforme seus princípios estudam a realidade local, e buscam compreender as doenças desconhecidas<sup>616</sup>. Assim para melhor conhecermos essa parte da trajetória da ciência no Brasil, primeiramente, discutiremos quem são esses médicos tropicalistas, como se forma o grupo, e em seguida, falaremos de seus opositores e, por último, de suas contribuições para a ciência médica, ou seja, de seus estudos e pesquisas, tal como se seguem na *Gazeta Médica da Bahia*. Deste modo, passemos, agora, os membros deste grupo ou Escola.

O primeiro dos médicos nomeados é John Ligertwood Paterson<sup>617</sup> de origem escocesa, graduou-se em medicina pela Universidade de Aberdeen, em 1841, e como cirurgião pelo Colégio Real dos Cirurgiões de Londres. Muda-se para o Brasil em 1842,<sup>618</sup> estimulado por seu irmão mais velho, também médico, Alexandre Ligertwood Paterson, que estabeleceu um consultório com a comunidade britânica em Salvador. Realiza, também, visitas periódicas de estudos à Inglaterra e à Escócia. Em uma dessas viagens trabalha com o cirurgião inglês Joseph Lister em Edimburgo e

---

614Ver maiores explicações em Coni (1959) e Edler (1999).

615*Gazeta Médica da Bahia*, novembro de 1886.

616*Ibid.*, 1 (1), 1886, p. 3.

617Muda-se para a Bahia por volta de 1842 e registra seu título de médico na Prefeitura de Salvador. Aqui falece em 9 de dezembro de 1882. Antonio Caldas Coni, *A Escola Tropicalista Baiana*, p. 21.

618*Ibid.*, pp. 21-23.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

estuda o método antisséptico.<sup>619</sup> De volta à Bahia, consegue envolver alguns médicos próximos e dá início à formação de seu grupo que começa a questionar os conhecimentos europeus quanto às doenças tropicais. Assim na epidemia 1847 desenvolve os diagnósticos da febre amarela<sup>620</sup> e, alguns anos depois, em 1855, os da cólera-morbo,<sup>621</sup> na Bahia.

A seguir nos deparamos na lista com Otto Edward Henry Wucherer,<sup>622</sup> nascido em Portugal, naturalizado brasileiro, passa sua adolescência no Brasil e vai estudar medicina na Escola de Tübingen (Wurtemberg), graduando-se em 14 de dezembro de 1843. Trabalha no St. Bartholomew's Hospital, em Londres, e também em Portugal e retorna ao Brasil em 1843, morando, inicialmente, nas cidades de Cachoeira e Nazaré, no interior da Bahia.<sup>623</sup> Em 1847, transfere-se para Salvador e mantém relações importantes com parasitologistas, entre os quais o Wilhelm Griesinger, da Alemanha, que realiza pesquisas sobre esquistossomose (*Schistosoma hematobium*) no Egito.<sup>624</sup> Wucherer contribui para o trabalho de Griesinger, pesquisando o parasita esquistossoma na urina ensangüentada de pacientes com hematuria intertropical no Brasil.<sup>625</sup>

Já Antonio Januário Farias, baiano, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1845 e torna-se, posteriormente, professor de fisiologia e de clínica médica

---

619Informações disponíveis no site <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 12 de janeiro de 2007.

620Esses trabalhos estão publicados na *Gazeta Médica da Bahia*, entre os anos de 1866 a 1868.

621As literaturas médicas e históricas relatam da primeira epidemia de febre amarela no Brasil nas Províncias de Pernambuco e em seguida na Bahia. Essa doença tornou-se calamidade pública em 1686 e 1694. Mas, novamente, a Bahia foi acometida pela doença em 1849 e 1855 e foi largamente divulgando pela imprensa médica. Ver *Gazeta Médica da Bahia*, XXIII (6), dezembro de 1891, pp. 241-243 e 289; e XXX (11), maio de 1899, p. 493.

622Registra seu diploma na Câmara da Bahia em 14 de novembro de 1849. Coni, *op. cit.* pp. 21-22 e *Ibid*, 15.

623*Ibid*.

624*Ibid.*, p. 27

625*Gazeta Médica da Bahia*, III (57), 15 de dezembro de 1868.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

desta mesma instituição.<sup>626</sup> Também, exerce a função de diretor da Faculdade entre 1874 a 1881.<sup>627</sup> Outro natural da Bahia e também formado em sua Faculdade de Medicina é Antônio José Alves, que se torna médico cirurgião e lente da cátedra de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina. Trabalha em várias frentes de epidemias e, particularmente, no combate a cólera em 1855. Da mesma forma, Ludgero Rodrigues Ferreira, também baiano e também graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, torna-se médico clínico e desenvolve serviço de assistência médica à população baiana e é considerado um dos fundadores da *Gazeta Médica da Bahia*.<sup>628</sup>

Outro dos membros do grupo inicial é José Francisco da Silva Lima,<sup>629</sup> de origem portuguesa que desembarca na Bahia, aos quatorze anos de idade e naturaliza-se cidadão brasileiro. Faz seus estudos preparatórios em Salvador e entra para a Faculdade de Medicina da Bahia.<sup>630</sup> Gradua-se em 1851 e defende a “These Doutorial” intitulada, “*Dissertação Filosófica e Crítica Acerca da Força Medicatriz da Natureza*” apresentada anteriormente. A *Gazeta Médica* registra diversos estudos originais deste pesquisador, ele publica artigos, individualmente e / ou em co-participação com bastante frequência.

E, por fim, encontramos Manoel Maria Pires Caldas também natural e estudante de medicina na Bahia. Ao terminar seu curso, assume as clínicas médica e de urologista do Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Bahia. Ele também faz publicar vários trabalhos na *Gazeta Médica da Bahia*.<sup>631</sup>

---

626 Luciana Bastianelli, org., *op. cit.* p. 14.

627 *Gazeta Médica da Bahia*, 74, jan./jun. de 2004, p. 2.

628 *Ibid.*

629 Este pesquisador publicou cerca de 20 trabalhos sobre o beribéri sob o título de “Comunicação para História de uma Moléstia que Reina atualmente na Bahia, (1866-1868)”, *Gazeta Médica da Bahia*, 1866 a 1868. Também, traduziu para o português o Código de Ética da Associação Médica Americana. *Gazeta Médica da Bahia*, Brasiliensia Documenta, Vol. IX, Tomo I, p. 11.

630 Antonio Caldas Coni, *op. cit.*, p. 77.

631 *Ibid.*



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Conhecer o percurso da formação e atuação profissional dos médicos fundadores desse grupo independente e sua atuação nos hospitais da Bahia nesse período, permite uma melhor compreensão de como se desenvolve a chamada *Escola Tropicalista Baiana*, o que passaremos a discutir em seguida, apontando para suas contribuições para a história da ciência.

No primeiro momento, Paterson e Wucherer trabalham juntos na Bahia, identificando doenças existentes entre a população. A visão diferenciada desses médicos chama atenção de outros cinco que concordam com essa nova forma de compreensão da saúde e doença nessas terras e vêm, em seguida, juntar-se àqueles de modo a formar uma comunidade de estudos e pesquisas, tal como aponta o artigo de Dr. John L. Paterson, presidente desse grupo científico.

A *Escola Tropicalista Baiana* tal como aponta o artigo de Dr. John L. Paterson, presidente dessa comunidade científica é fundada em 1865 e promove reuniões<sup>632</sup>. Disto testemunha o Dr. Pacífico Pereira, posteriormente, na *Gazeta Médica da Bahia* ao escrever: “[...] uma academia científica de nova espécie. “Effectuavam-se estas palestras à vez, ora em casa, ora na casa um d’elles [...]”<sup>633</sup>.

Podemos dizer que os encontros de estudos e de pesquisas realizados pelo grupo, para discutirem a realidade de saúde local, produzem, cada vez mais trabalhos inovadores. O grupo, então, resolve criar uma instituição de difusão de seus trabalhos em saúde. Assim, como já discutimos anteriormente, esses médicos com outros colaboradores criam a *Gazeta Médica da Bahia*.

Apresentado, desse modo, quem são os médicos tropicalistas e de que maneira a comunidade científica foi formada, vejamos agora, na última parte deste nosso trabalho, a trajetória de seus estudos e pesquisas originais bem como as críticas e os ataques recebidos de seus opositores.

---

<sup>632</sup>*Ibid.*

<sup>633</sup>*Ibid.*





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

O primeiro caso, de grande repercussão, desses estudos, relatado na *Gazeta Médica da Bahia*, nos remete a setembro de 1849 quando ancora na província da Bahia, um navio americano que trazia consigo a febre amarela, doenças que não se manifestava entre nós, em média, há 200 anos<sup>634</sup>. Assim, essa enfermidade logo se propaga na terra baiana e em seguida se espalha pelo país. Nessa situação, considerando, os novos métodos de estudo e pesquisa, “Peterson, consegue, antes da medicina oficial, desenvolvida pela Faculdade da Bahia, diagnosticar em doentes na Bahia a febre amarela” e Wucherer confirma o diagnóstico pela autópsia.<sup>635</sup>

Discordam, a princípio, os médicos das Faculdades de Medicina do parecer destes dois médicos, entretanto, a realidade, com a manifestação de casos da doença, veio dar-lhes inteira razão. Diante da epidemia, Wucherer acolheu esses doentes em sua sala de atendimento, na própria residência, e acabou, que não só estes morreram com também sua mulher”.<sup>636</sup> Ele nos diz: “Fechei a minha casa, onde tinha uma enfermaria. Entraram lá vinte doentes de febre amarela e saíram vinte e um cadáveres, inclusive minha esposa”.<sup>637</sup>

Um segundo caso nos mostra que esses médicos não se deixam abater, apesar das inúmeras dificuldades e conflitos. Wucherer, após retornar de uma das suas viagens de estudos à Alemanha e ter adquirido a prática do microscópio e a do escalpelo, utiliza-se de ambas para esclarecimentos de diagnósticos *in vita* e *post-mortem*. Assim, em julho de 1865, é chamado para atender, no Mosteiro de São Bento em Salvador,

---

634 *Gazeta Médica da Bahia*, XXIII (6), dezembro de 1891, pp. 241-249; e XXX (11), maio de 1899, pp. 485-494.

635 *Gazeta Médica da Bahia*, Brasiliensia Documenta, Tomo III, p. XIV.

636 *Ibid.*

637 *Ibid.*



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

um escravo da Ordem, ainda moço, em estado desesperador: tratava-se de um caso de “opilação” ou cansaço em última fase. Após estudo do caso, no dia seguinte, ao retornar àquele local encontra o paciente morto. Tendo obtido permissão para praticar a necropsopia, ao abrir o duodeno, encontra este órgão coalhado de minúsculos vermes, aderentes à mucosa, em meios de profusas hemorragias. Colhendo os animálculos e levando-os ao microscópio, verificou tratar-se de da espécie *Ancylostoma Duodenale*.<sup>638</sup>

Confirmavam-se, pela primeira vez no Brasil, os achados de Dubini, em 1838 em Milão, e Griesinger no Egito em 1852.<sup>639</sup> Continuou Wucherer na pista do seu objeto de pesquisa (a opilação), doença crismada muito tempo antes de *hipoemia inter-tropical*,<sup>640</sup> pelo Conselheiro Jobim, o qual a atribuía à má alimentação, e, sobretudo ao consumo exagerado de amiláceos (no caso a farinha de mandioca) e da carne seca, bem como a más condições de higiene. Entretanto, por cinco vezes Wucherer identifica o *Ancylostoma Duodenale* presente em tais casos, e ausente em todos os outros tipos de anemia. Ele não tem mais dúvidas. Era o verme em apreço o mais provável causador da doença. Mas, ao divulgar este resultado, que depois passou a ser aceito, sofre Wucherer contestação de boa parte da classe médica brasileira, representada principalmente por membros da Academia Imperial de Medicina. Jobim, Torres Homem e outros se insurgem contra a opinião de Wucherer e chegam a propor sanções à ele, aprovada por maioria de votos em Sessão da Imperial Academia de Medicina, de 12 de agosto de 1867.<sup>641</sup> Firme em seu modo de pensar e alicerçado nas observações feita em cadáveres, Wucherer retruca, dizendo só aceitar provas

---

<sup>638</sup>Gazeta Médica da Bahia, 37, 15 de janeiro de 1868.

<sup>639</sup>Ibid.

<sup>640</sup>Ver “Sobre a moléstia vulgarmente denominada oppilação ou cangaço”, *Gazeta Medica da Bahia*, I I (3, 4 e 5), 1866.

<sup>641</sup>*Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro*, 7 de outubro 1867, *apud* *Gazeta Medica da Bahia*, 37, 15 de Janeiro de 1868.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

baseadas em fatos concretos e não em simples argumentos sem base. E a razão se mostrou, mais tarde, estar a seu lado.<sup>642</sup>

O terceiro caso, assim como os já apresentados, está fundamentado na realidade local, sob uma nova visão da medicina. Essa visão de ciência não é compreendida nem aceita pelo ensino oficial. José Francisco da Silva Lima estuda as moléstias desconhecidas e peculiares aos escravos. Destacamos, assim, um desses estudos inéditos publicado na *Gazeta Médica da Bahia* em 10 de janeiro de 1867 sob a denominação “Estudo Sobre o - Anhum - Moléstia Ainda não Descripta, Peculiar à Raça Ethiopica, e Afectando os Dedos Mininos dos Pés”. Apresentamos abaixo partes do artigo que descreve essa enfermidade. Diz a *Gazeta* na voz desse pesquisador:

Entre as molestas a que são particularmente sujeitos os pretos, há uma que, pela uniformidade dos symptomas que a caracterizam, lenteza de marcha [...] relativos ás transformações e degeneração de tecidos, e perversão de nutrição. O Anhum: [...] A degeneração accommette exclusivamente os dedos mínimos, e unicamente os dos pés [...]. A moléstia parece consistir em uma atrophia, ou degeneração [...].?<sup>643</sup>

Por fim, neste trabalho, apresentamos o último exemplo, o quarto caso arrolado, não por falta de outros, mas por entendermos que os apresentados, sem desmerecer os demais também presentes na *Gazeta Médica da Bahia*, atendem a nosso propósito, no momento.

Assim, encontram-se, naquele periódico, objeto da nossa pesquisa, vários trabalhos de Dr. J. F. da Silva Lima. Escolhemos aquele intitulado: “Contribuições para a história de uma moléstia que reina actualmente na Bahia sob a forma epidêmica, e caracterizada por paralyisia, edema, e fraqueza geral”. Vejamos o artigo, que diz:

---

<sup>642</sup>Gazeta Médica da Bahia, Brasiliensia Documenta, Tomo III, p. XV.

<sup>643</sup>Coni, op. cit., p. 76; *Gazeta Médica da Bahia*, I (13), 10 de Janeiro de 1867.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Há alguns annos que se tem observado n'esta cidade uma moléstia singular, e extremamente grave, [...]. Procurei decrever o mais accuradamente possível a pfysiognomia pathologica e compara com o que há de conhecido. Em fins de 1863, e princípio de 1864, tive occasião de observar três casos de paralyisia, tão parecidos em symptomas, na marcha, e até na ordem em os mesmos syntomas se succederam, que fizeram impressão ao meu espirito, e também no dos collegas que comigo virem [...].<sup>644</sup>

Ele relata o estudo do caso de forma detalhada. Aqui apenas fazemos algumas citações. Dentre os estudos de J. F. da Silva Lima destacam-se essas pesquisas sobre o “beribéri”.<sup>645</sup>

Não obstante a oposição da medicina oficial, particularmente, da Academia Imperial de Medicina, os médicos tropicalistas trabalham incansavelmente e realizam estudos, tanto no Brasil, como em centros de investigação no velho mundo, e contribuem para o desenvolvimento das ciências. Entretanto, são processados por seu modo diferente de pensar, ensinar e fazer ciências, focada na realidade, alicerçados em observações e estudos de casos, tanto em pacientes vivos, como em cadáveres.

Desse modo, os casos aqui discutidos e outros documentados na *Gazeta Médica da Bahia*, por ora, parecem ser suficientes para demonstrar as novas trilhas abertas da história da ciência médica no Brasil, particularmente, na Bahia da segunda metade ao final do século XIX, pela “Escola Tropicalista Baiana”<sup>646</sup>.

---

<sup>644</sup>*Gazeta Médica da Bahia*, 10, 25 de novembro de 1866, pp. 110-111.

<sup>645</sup>Ver *Gazeta Médica da Bahia* de 1866 a 1868.

<sup>646</sup>*Gazeta Médica da Bahia*, 10 de julho de 1866, vide os números, 3, 4, 5, 6; e *Gazeta Médica da Bahia*, 15 de dezembro de 1868, vide número 57; e *Gazeta Médica da Bahia*, 15 de novembro de 1869, vide números, 76, 77, 78, 79 e 80.



## CONCLUSÕES

Na segunda metade do século XIX o contexto histórico é profundamente influenciado pelas novas idéias nos campos político e científico e mudam-se os fundamentos filosóficos, de ciência, e de ensino e criam-se espaços para o desenvolvimento dos novos conhecimentos e de pesquisas originais.

A “Escola Tropicalista Baiana” com uma nova visão de ciência médica, por seu modo, contribuem para a melhoria da saúde pública do país. Ela se constitui como uma comunidade científica com propostas e métodos definidos e realiza estudos e pesquisas voltadas para as doenças tropicais que acometem a população do país.

Os estudos originais da comunidade são publicados, a partir de 1866, no periódico a *Gazeta Médica da Bahia* de circulação nacional e internacional que, por um lado, combate da idéias dominante em ciência e, por outro, influencia e aponta um novo caminho para a medicina local.

Os chamados tropicalistas contribuem para a reformulação do modelo até então aceito da classificação de doenças brasileiras, questionando os conhecimentos europeus sobre os problemas de saúde pública no Brasil.

Eles desenvolvem estudos sobre várias enfermidades contribuindo para promover debates sobre parasitologia e outras doenças, como o *beribéri*, a *tuberculose*, a *lepra*, *dracunculose* e o *maculo*, *diarréia*, que acometem população e os escravos. Além disso, realizam estudos sobre as espécies de cobras existentes no Brasil.<sup>647</sup>

As investigações realizadas por essa comunidade científica tomam por base a realidade local e contrapõem-se, desse modo, ao ensino médico oficial, representado pelas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro e pela Academia de

---

<sup>647</sup>*Ibid.*



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Medicina Imperial<sup>648</sup> esta última criada para desenvolver o projeto de mudanças do ensino de medicina.

Neste sentido, pensamos ter mostrado que os vários trabalhos discutidos em nosso estudo apontam para um novo rumo das ciências médicas, notadamente no que se relaciona às pesquisas em patologia.

Assim, esses exemplos aqui discutidos, e tantos outros (arrolados em nossa dissertação), são contribuições da *Escola Tropicalista Baiana*, no campo científico, registradas, particularmente, na *Gazeta Médica da Bahia* e traz à luz a importância dessa comunidade para a história da ciência no Brasil.

### REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M. & M. H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.
- BRASIL. *Collecção de Leis do Brasil Império*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1808-1891.
- BRAZ DO AMARAL. *História da Bahia do Império à República*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923.
- CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e Racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].
- Carta Régia de 18 de fevereiro de 1808. Brasil, *Collecção das Leis do Brasil* (1808 - 1820). Arquivo Público da Bahia.
- Carta Régia de 29 de dezembro de 1815. Brasil, *Collecção das Leis do Brasil* (1817). Arquivo Público da Bahia
- Carta Régia de 28 de janeiro de 1817. Brasil. *Collecção das Leis do Brasil* (1817). Arquivo Público da Bahia.
- Carta Régia de 1832. Brasil. *Collecção das Leis do Brasil* (1832). Arquivo Público da Bahia.

---

648 *Jornal do Comercio do Rio de Janeiro*, 7 de outubro de 1867, p. 2, *apud* Coni, *op. cit.*, p. 81.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- 
- CONI, A. C. *A Escola Tropicalista Baiana*. Bahia: Progresso, 1952
- EDLER, F. C. "A constituição da Medicina Tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica". Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, IMS-Uerj, 1999.
- FERRAZ, M. H. M. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772 – 1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1997.
- Gazeta Médica da Bahia*, 1 (10 de julho de 1866): 2 e 3. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 2 (25 de julho de 1866): 24. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 3-6 e 57 (10 de agosto de 1866): 97-99. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 6 (25 de setembro de 1866): 61. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 13 (10 de janeiro de 1867): 145-149. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 37 (10 de janeiro de 1868). CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, (25 de outubro de 1881): 264. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 6 (dezembro de 1881): 241-249. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, 11 (10 de maio de 1889): 482-486. CESIMA.
- Gazeta Médica da Bahia*, (fevereiro de 1910): 343. Bahia. Memorial de Medicina da UFBA.**
- Gazeta Médica da Bahia*. Org. de L. Bastianelli. Salvador, Contexto, 2001, 2 CDRoms.
- Gazeta Médica da Bahia*. Org. de D. E. Falcão. *Brasiliensia documenta*, Tomo II (jul.1867/jun.1868). São Paulo, 1924.
- Gazeta Médica da Bahia*. Org. de D. E. Falcão. *Brasiliensia documenta*, Tomo III, (jul.1868/jun.1869). São Paulo, 1925.**
- Gazeta Médica da Bahia*, (janeiro/junho 2004): 9-101. Bahia. Memorial de Medicina da UFBA.**
- KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Trad. Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. 8ª. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946). In: TORRES, O. Salvador, Ministério da Educação e Saúde, 1946.
- PEIXOTO, A. *Breviário da Bahia*. [Bahia], AGIR, 1945.
- RIBEIRO, M. A. P. *A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas (1854-1924)*. Salvador: UFBA, 1997.**
- TAVARES, L. H. D. *História da Bahia*. 10ª ed. São Paulo: UNESP/ EDUFBA, 2001.
- TORRES, O. *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)*. Salvador, 1946.
- VALLE, J. R. "Subsídios para a história da *Gazeta Médica da Bahia*". In: *Brasiliensia Documenta, Gazeta Médica da Bahia*, I (jul.1866/jun.1867). São Paulo: Departamento de Bioquímica e Farmacologia da Escola Paulista de Medicina, 1974.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

SANTOS, F. A. Escola Topicalista Baiana: Registro de uma Nova Ciência na Gazeta Médica da Bahia (1866 – 1889). Dissertação de Mestrado, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SODRÉ, N. W. *Formação Histórica do Brasil*. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Grapfia, 2002.

### **PORTAL**

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acessado em 12 de janeiro 2007.

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acessado em 01 maio 2007.

<http://www.medicina/ufba/br>. Acessado em 20 de julho de 2007.

<http://www.medicina/ufba/br>. Acessado em 20 de outubro de 2007.